

Ludi na revolta da vacina, uma odisseia no Rio antigo.

<https://youtu.be/PHHBopn27JE>

- Você já imaginou como seria um passeio pela rua da sua escola em 1904? Será que sua escola já existia? Será que esta rua sempre teve o nome que tem hoje? Será que ela também já existia?
- Como você e sua família se vestiriam se fossem viajar para o passado? Vamos brincar? Que tal pesquisar um pouquinho e improvisar?
- Como Ludi e sua família iriam passear hoje, em 2020? De maneira virtual! Que bom! Faça você também com sua família um passeio pelo Rio de Janeiro de antigamente pela Internet em www.riodejaneiroaqui.com e em outros sites.



- Vamos desenhar! Como você acha que seria a nossa cidade no começo do século passado? E nos tempos atuais? As construções são iguais? As ruas? Os meios de transportes?

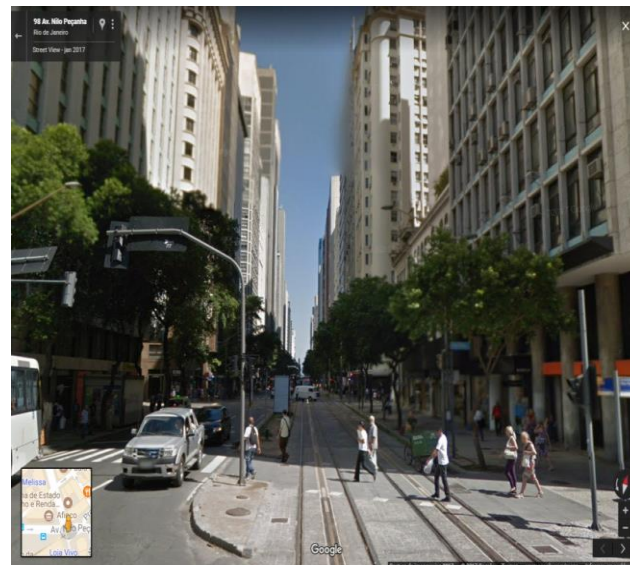
- Você viu que na história até a forma de falar era diferente no século XIX? Ficou curioso(a)? Procure por palavras que não são mais usadas nos dias de hoje e outras que não existiam antigamente ou que mudaram o sentido. Vai ser bem interessante!



-E sobre vacinas? O que você sabe sobre elas?

-Qual a importância delas para a sua saúde?

-Que diferenças temos nessas duas imagens?



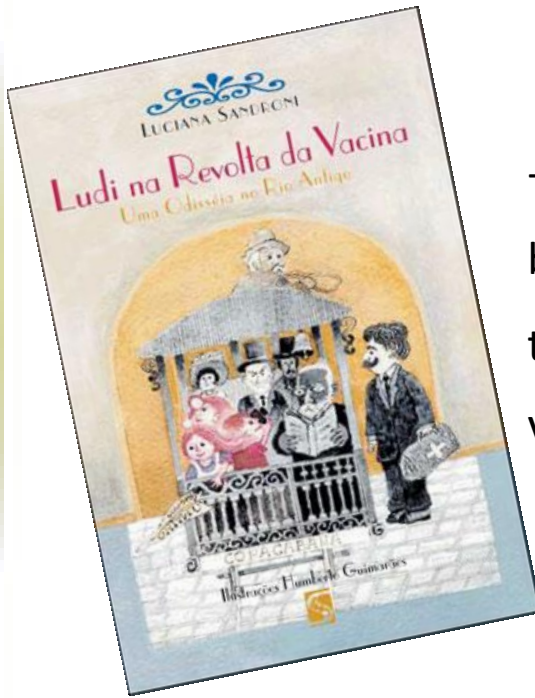
Mostre aos seus familiares o que mudou. Até o nome se modificou. A Avenida Rio Branco chamava-se Avenida Central.

-Você já ouviu ou leu algum livro ou conto do escritor Machado de Assis? Essa é uma boa oportunidade para buscar esta leitura.

Sugerimos o conto UM APÓLOGO.



-Você já ouviu falar no Instituto Oswaldo Cruz? Vale a visita! Mas por enquanto visite este importante lugar pelo site www.fiocruz.br



-O prefeito Pereira Passos recebeu em sua homenagem um busto pertinho da Igreja da Candelária no Centro do Rio e também uma Escola Municipal no bairro do Rio Comprido. Vamos saber mais sobre ele? www.multirio.rio.rj.gov.br
(no site pesquise por: Rio de Janeiro-história da cidade).

-Leia outras aventuras da Ludi e sua família em outros livros da coleção como o LUDI VAI À PRAIA ou LUDI NA FLORESTA DA TIJUCA.



Um Apólogo, Machado de Assis

Fonte: ASSIS, Machado de. Obra Completa. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.



Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Um Apólogo

ERA UMA VEZ uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu.

Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

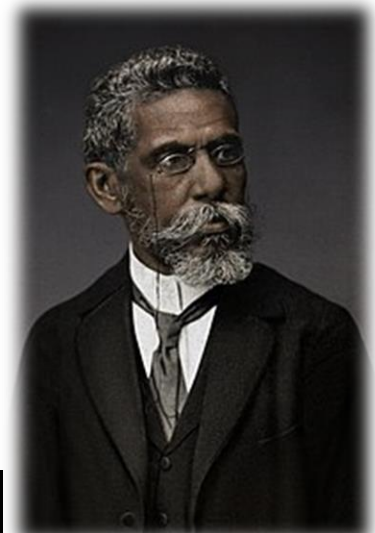
— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser.

Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:



Esta Foto de Autor Desconhecido
está licenciado em [CC BY-SA](#)

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic plic-plic da agulha no pano.

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!



FIM

